



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1298>



# Ciclo de violência doméstica: história oral de mulheres que romperam um cotidiano de abusos

Regiane Clarice Macedo Callou\*

ORCID iD 0000-0002-1882-9365

Universidade Regional do Cariri, Mestrado acadêmico em Enfermagem, Crato, Brasil

Rachel De Sá Barreto Luna Callou Cruz\*

ORCID iD 0000-0002-4596-313X

Universidade Regional do Cariri, Mestrado acadêmico em Enfermagem, Crato, Brasil

Cinthia Gondim Pereira Calou\*

ORCID iD 0000-0003-3488-6965

Universidade Regional do Cariri, Mestrado acadêmico em Enfermagem, Crato, Brasil

Grayce Alencar Albuquerque\*

ORCID iD 0000-0002-8726-0619

Universidade Regional do Cariri, Mestrado acadêmico em Enfermagem, Crato, Brasil

- \* Mestre em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Pós-Graduação em Enfermagem em Urgência e Emergência pela Faculdade Integrada de Patos (FIP), Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Venda Nova Imigrante (Faveni), Pós-Graduação em Saúde Pública e Estratégia Saúde da Família Para Enfermeiros (Faveni), Integra o Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diversidade (GPESGDI) e o Observatório de Violência e Direitos Humanos da região do Cariri, ambos vinculados à URCA. E-mail: regiane\_clarice@hotmail.com.
- \* Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP); Mestrado em Saúde Materno Infantil pelo IMIP e em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade Regional do Cariri (URCA), vice-coordenadora e tutora da Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica, membro da Comissão de Residência Multiprofissional e Uniprofissionais em Saúde (Coremu), docente permanente do Mestrado Acadêmico em Enfermagem e pesquisadora do Grupo de Pesquisa da Criança e do Adolescente. E-mail: rachel.callou@hotmail.com.
- \* Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrado em Enfermagem pela UFC. Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgico pela UFC. Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) e Saúde da Família pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da (URCA). Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e participante do Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva (GRUPESC) e do projeto de extensão Saúde na Escola: Adolescer com Saúde. E-mail: cinthicalou@hotmail.com.
- \* Doutora em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina do ABC. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade, Diversidade Sexual e Inclusão (GPESGDI). Coordenadora do Observatório de Violência e Direitos Humanos da região do Cariri da URCA. Tutora do PET Enfermagem URCA. Docente permanente do Mestrado Acadêmico de Enfermagem e do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (Renarf). E-mail: geycyenf.ga@gmail.com.

**Resumo:** Este estudo buscou compreender a inserção e rotura do ciclo de violência doméstica vivenciado por mulheres. Método: estudo qualitativo realizado numa região metropolitana cearense, através de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, com sete mulheres que foram vítimas de violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo e analisadas conforme o método da história oral temática. Resultados: a inserção de mulheres num ciclo de violência doméstica se deu de forma gradual. A violência se desvelava em três fases: acúmulo de tensões, fase de espancamento e fase de reconciliação. A crença na mudança do parceiro, o medo, a insegurança financeira foram fatores que dificultaram a saída do ciclo, que se deu pela percepção das vítimas do fim do sentimento pelo parceiro e do prejuízo das agressões aos filhos. Considerações finais: o estudo elucidou as nuances de inserção e manutenção de uma relação abusiva e apontou fatores que facilitaram a saída de mulheres de um cotidiano de abusos.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Ciclo. História oral.

### **Cycle of domestic violence: oral history of women who break up an everyday life of abuse**

**Abstract:** This study sought Understanding the insertion and rupture of the cycle of domestic violence experienced by women. Method: qualitative study carried out in a metropolitan region of Ceará, through semi-structured interviews, recorded in audio, with seven women who were victims of domestic violence perpetrated by an intimate partner, analyzed according to the thematic oral history method. Results: the insertion of women in a cycle of domestic violence took place gradually. The violence unveils in three phases: the accumulation of tensions, the phase of physical aggression and the phase of reconciliation. Belief in the partner's change, fear, and financial insecurity, were factors that made it difficult to breaking of the cycle, which came due to the victims' perception of the end of the feelings for their partner, and the harm caused by the aggressions to their children. Final considerations: the study clarified the nuances of insertion and conservation of an abusive relationship, and pointed out factors that facilitated the exit of women from an everyday life of abuse.

**Keywords:** Domestic violence. Cycle. Oral history

## **Introdução**

A violência é uma realidade social em diversas culturas. Deflagrada nos mais variados contextos, tem permeado a vida de diferentes camadas sociais, sendo, contudo, prevalente em estruturas sociais fragilizadas. Sendo assim, tende a atingir de forma preponderante os constructos sociais mais vulneráveis, como crianças, mulheres, idosos, população de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs), dentre outros (Saffioti, 2015).

Inserida nesse contexto de vulnerabilidades encontra-se a mulher. Dados revelam que este grupo populacional tem sofrido com o aumento da violência perpetrada, sobretudo, em seu ambiente privado, ou seja, o lar (Cerqueira, 2018). Esse tipo de violência é conceituado como violência doméstica, que pode ser definida como aquela deflagrada numa realidade de convívio íntimo, em que relações de afeto são estabelecidas (Brasil, 2011).

Trata-se de um fenômeno mundial que atinge mulheres de diferentes classes sociais, origens, idades, regiões, estados civis, escolaridade, raças e orientação sexual, constituindo-se numa das principais formas de violação dos direitos humanos, atingindo-as ainda em seus direitos à vida, à saúde e à integridade física (Brasil, 2016).

Diante da magnitude que a problemática assume, torna-se fundamental entendê-la em toda a sua complexidade. Contudo, esse entendimento, perpassa, ainda e de forma especial, pela compreensão das suas causas. Para tanto, muitos estudiosos têm se debruçado sobre essa questão e tentado explicar as raízes desse grave problema e a dificuldade enfrentada por mulheres na superação dessa realidade.

Um dos fatores preponderantes para essa discussão são as construções sociais hierarquizadas sobre o binômio feminino e masculino, as quais atribuem papéis sociais sob uma perspectiva sexual. Segundo essa lógica biologicista, aos homens foi atribuída uma superioridade natural relacionada ao sexo, conferida por seus atributos físicos, e deles se espera que desenvolva um padrão de comportamento que inclui virilidade exacerbada e supressão de emoções. Já da mulher, é esperado a adoção de uma postura fragilizada e submissa (Echeverria; Oliveira; Erthal, 2017; Oliveira; Fonseca, 2014).

Sob essa perspectiva, a violência materializada nos espaços privados, estrutura-se como exercício de poder de homens sobre mulheres. Muito embora essas relações tenham se modificado ao longo dos anos, a violência contra mulheres ainda persiste na sociedade, assentada nessa dinâmica social (Oliveira; Fonseca, 2014). Assim, a violência doméstica tem nas mulheres as suas maiores vítimas e nos homens, os maiores agressores. Os companheiros, maridos, namorados respondem pela maior parte das agressões perpetradas contra as mulheres (Cerqueira, 2018.; Ipea, 2015). Trata-se de uma problemática complexa, que se desenvolve e se perpetua na vida do casal de forma contínua e cíclica.

Assim, o ciclo da violência doméstica ocorre em três fases. A fase 1 se manifesta pelos incidentes mais “brandos” como agressões verbais, crise de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, xingamentos, crítica constante, humilhação psicológica e agressões físicas leves. A fase 2 é caracterizada pelas falhas nos controles da tensão, e ocorrem os episódios agudos de espancamento. Na fase 3, o agressor demonstra arrependimento e adota um comportamento humilde, gentil, amoroso e atencioso. Tal comportamento resulta da percepção pelo agressor de que foi longe demais na fase 2 e tenta compensar a “companheira” por tudo, levando o casal a experimentar uma fase de calma ou de “lua de mel” (Walker, 1999).

A percepção desse ciclo por parte das vítimas é fundamental para compreensão do fenômeno no qual estão envolvidas, bem como para fornecer subsídios para superar essa realidade (Bruhn; Lara, 2016; Dresch, 2011). Assim, entender essa dinâmica em que a violência doméstica se manifesta, torna-se fundamental para superá-la, a partir do conhecimento dos mecanismos que podem contribuir na sua rotura. Para tanto, isso precisa ser feito a partir do olhar de quem vivencia o cotidiano de uma relação abusiva.

Dessa forma, este trabalho procurou entender qual o contexto histórico de inserção

de mulheres em um ciclo de violência doméstica e como se deu seu rompimento, identificando fatores que favoreceram o fim do ciclo. Portanto, este trabalho buscou compreender a inserção e ruptura de um ciclo de violência doméstica vivenciado por mulheres.

## Método

Pesquisa social estratégica, narrativa, desenvolvida nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte, situadas na região metropolitana do Cariri (CE), com abordagem qualitativa e caráter descritivo-exploratório, que utilizou como referencial metodológico a história Oral, que se constitui enquanto uma prática de apreensão de narrativas com a finalidade de transmitir o testemunho oral dos/as entrevistados/as e conduzir ao conhecimento (Alberti, 2017).

Dentre os gêneros de história oral, optou-se pela história oral temática, pois essa é capaz de captar um recorte minucioso da inserção e saída de mulheres num ciclo de violência doméstica, objeto deste estudo (Meihy; Holanda, 2017).

Para a aplicação desse método, é necessária a compreensão de três conceitos que fundamentam os estágios da história oral: comunidade de destino, colônia e redes. Chama-se comunidade de destino um determinado cenário, em que grupos compartilham os mesmos comportamentos e possuem como marca uma memória coletiva (Meihy; Holanda, 2017). Dessa forma, a comunidade de destino desta pesquisa constitui-se de mulheres vítimas de violência na região do Cariri.

A colônia é denominada uma parte da comunidade de destino, na qual grupos de indivíduos compartilham aspirações, motivações e interesses comuns. Didaticamente pode-se conceituá-la como um subconjunto, uma parte do todo (Meihy; Holanda, 2017). Assim, a colônia do estudo, dentro do universo de mulheres que sofrem ou sofreram violência, foram aquelas que vivenciaram um cotidiano de violência doméstica, mas que conseguiram enfrentar e romper o seu ciclo.

A rede diz respeito a uma subdivisão da colônia, a qual é formada a partir das características comuns compartilhadas pelas integrantes da mesma. Preconiza-se o estabelecimento de parâmetros a serem adotados na escolha das entrevistadas (Meihy; Holanda, 2017).

Dessa forma, a rede deste estudo foi formada a partir de mulheres envolvidas no enfrentamento à violência doméstica na região do Cariri, que indicaram participantes aptas ao estudo e que atendiam aos critérios de inclusão: 1) ser maior de idade, ou seja, ter idade superior a 18 anos no momento de obtenção dos dados; 2) ter sofrido em algum momento de suas vidas um ciclo de violência doméstica perpetrada por parceiro/a íntimo/a; e 3) que tivessem rompido com esse ciclo há pelo menos um ano. A rede do estudo foi composta por sete mulheres.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista semiestruturada, realizada entre os meses de março e julho de 2019, com auxílio de um aplicativo de celular com função de gravador de voz. Após obtenção dos contatos telefônicos das mulheres indicadas para compor a rede, a pesquisadora acionou as mesmas, momento em que foi apresentada a proposta de pesquisa e as mulheres foram convidadas a participar.

Uma vez aceito o convite, as entrevistas foram agendadas em local definido pelas participantes (quatro em casa e três no local de trabalho). Confirmadas as participações, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual lhes foi ofertado uma cópia, autorizando o uso das entrevistas para fins deste estudo.

A entrevista continha questionamentos acerca do período de suas vidas em que foram vítimas de violência doméstica. Após realização dos sete depoimentos, considerou-se que o material permitia alcançar os objetivos propostos pelo estudo, dando sustentação à análise através do resgate da história oral dessas mulheres.

A partir da gravação dos depoimentos, as entrevistas foram analisadas e deu-se a transcrição literal das falas. Em seguida, realizou-se a textualização, que corresponde à transformação desses escritos em uma narração. Finalmente, foi feita a transcrição, processo de recriar o texto, ordenando os parágrafos, retirando ou acrescentando palavras e frases, tornando-se possível a síntese da história oral de cada mulher numa narrativa em 3ª pessoa (Meihy; Holanda, 2017).

Após a transcrição, iniciou-se a análise dos dados, sendo utilizado o método da história oral temática, que oferece suporte metodológico nos estudos em que os detalhes da vida pessoal do/a entrevistado/a apenas interessam quando relacionados ao tema pesquisado. Trata-se, portanto, do gênero mais passível de confrontos que se regulam a partir de datas, fatos, nomes e situações, comprometendo-se com o esclarecimento e estudo de um assunto específico e previamente estabelecido (Meihy; Holanda, 2017).

Quanto aos aspectos éticos, esta pesquisa foi desenvolvida em acordo com a Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que aborda as pesquisas envolvendo seres humanos, bem como as prerrogativas da Resolução nº 510/16, tendo em vista que a mesma dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA), sendo aprovada por meio do Parecer nº 3.139.540. As mulheres foram identificadas por nomes fictícios de flores, conforme sugestão das mesmas, objetivando-se com isso manter o anonimato das participantes.

## Resultados

Compuseram este estudo sete mulheres com idades entre 34 e 65 anos, heterossexuais, a maioria solteira ou divorciada (6), autodeclaradas negras (2), brancas (2) e pardas (3).

A história oral de mulheres que vivenciaram um cotidiano de violência doméstica desvela a inserção nesse ciclo sob um contexto de inexperiência, no qual a maioria adentrava em seu primeiro relacionamento, ainda jovens. A violência se instalou gradativamente, conforme o ciclo descrito por Walker (1999), tendo a maioria percorrido as três fases.

A manutenção do cotidiano de abusos se deu por vários motivos, sendo os mais preponderantes o medo devido às ameaças advindas do agressor e a vergonha de assumir perante a sociedade, família e amigos a falência de um relacionamento. Todas as mulheres, apesar do contexto de vitimização posto, conseguiram romper com a cadeia de abusos e destacam como grande motivo, a preservação da saúde e do bem-estar delas e, sobretudo, dos filhos/as.

### *O início foi bom, nunca imaginei que ele seria assim*

Ao se fazer a análise das histórias das participantes foi possível perceber que todas foram vítimas de violência doméstica em alguma ou em todas as suas variantes. Verificou-se também, que a maioria dos agressores não cometeu violência física no início do relacionamento, mas passaram a agredi-las ao longo do tempo. A maioria se comportava de maneira gentil e atenciosa no início da relação, tendo os traços de agressividade sido evidenciados mais tarde, desencadeando-se um ciclo insidioso de violência e vitimização.

Ah, no início ele era maravilhoso, um lorde, um cavalheiro muito do bom, tudo que eu queria ele me dava, maravilhoso, muito bom. Depois ficou tudo de ruim... Ele começou a se mostrar depois quem ele era, depois que eu engravidei, ele começou a me bater e tudo, grávida já. (Liatris, 2019).

Aí como era aquele negócio, a gente não conhece ninguém, *né?* Aí depois quando eu me casei ele veio 'botar as unha de fora'... Depois que eu casei ele veio 'empatar de eu' usar roupa de alça, de usar roupa curta e bater depois também. (Amarílis, 2019).

[...] no início era presente todo dia... Me apeguei a ele por ele ser carinhoso, trazer presente, rosa, 'ave maria'! era uma pessoa doce... Aí eu caí na lábia dele... Aí com um ano ele começou, eu tava dormindo e acordei com ele me queimando com cigarro, aí começou a me chutar, me bater mesmo. (Frésia, 2019).

Realmente ele me mandou flores no início, ele me pediu em namoro de uma forma bem, bem linda... No começo não tinha como saber disso [que ele se tornaria agressivo], até serenata ele fez pra mim... Ele foi lá, me pediu em casamento e falou

tudo aquilo que as mulheres querem ouvir, né? e eu fui morar com ele, só que aí foi onde começou [as agressões]. (Rosa Vermelha, 2019).

*Era sempre do mesmo jeito, ia se chateando, agredia, melhorava um pouco e depois mais agressão*

Os relatos orais desvelaram um cotidiano de agressões nos moldes descritos por Walker (1999), no qual um ciclo de violência se instala e se desvela ao longo de três fases. O ciclo a seguir, desdobrado em fases, foi constituído a partir dos discursos das participantes e revela como a violência se desenvolvia no cotidiano dos casais.

*Fase 1 - Construção de tensões: A gente procurava evitar, ia se adequando a isso e aquilo*

Essa fase é caracterizada nas falas como a mais duradoura do ciclo, bem como a de maior tensão. As mulheres relatam que pra evitar a fase seguinte adotavam um comportamento mais submisso, no qual procuravam atender às expectativas do agressor. Essa fase se caracterizou por violência psicológica e patrimonial.

Acho que sempre porque eu ficava evitando, né? Não ficava esticando. Tipo, quando começava, sempre dava um jeito de ir pra casa... Ele foi podando meu comportamento e eu sempre me encaixando naquilo que ele determinava pra evitar. (Gerbera, 2019).

Eu comecei a fazer igual à mãe dele [fazer tudo do jeito que ele quisesse] pra evitar o confronto, por que ele qualquer coisinha se aborrecia. (Girassol, 2019).

Esculhambando, quebrando as coisas dentro de casa, quem mandava era ele e eu aguentando, aguentando... No dia que eu lhe pegar com outro eu lhe mato. (Amarílis, 2019).

Em festas que a gente ia, se eu conversasse com alguém rindo, ele ficava com raiva, não podia tá perto de homens... Mas não foi uma briga feia, porque no início do namoro eu não enfrentava ele, eu senti que eu não tinha controle. (Estrelícia, 2019).

*Fase 2 - Evento de espancamento: quando não controlava mais, me batia*

As agressões físicas ocorriam quando o controle de tensões pelo casal não se fazia mais eficaz. Nesses eventos ocorriam agressões dos tipos murros, pontapés, empurrões, trauma contra cabeça e membros, enforcamento, entre outros. Em alguns casos, as mulheres procuravam a Justiça, se dirigindo a delegacias ou aos serviços de saúde, principalmente a hospitais. Essas agressões muitas vezes ocorriam na frente dos filhos.

Nesse dia, por várias vezes, ele bateu minha cabeça na parede que saiu sangue. (Rosa Vermelha, 2019).

Todo final de semana era eu no hospital e ele na delegacia. (Frésia, 2019).

Era tapa, era chute, era enforcamento, era tapa na cara, era murro. (Amarílis, 2019).

A maioria das vezes ele sempre me agredia já com tapa mesmo, tapa pra derrubar logo, me derrubava, me levantava e começava. Era na frente de quem tivesse, até dos meninos, sim. (Liatris, 2019).

[...] ele veio, a gente alugou o apartamento e aí foi quando aconteceu, com menos de um mês aconteceu a agressão, que ele me empurrou no guarda roupa e eu bati minha cabeça. (Girassol, 2019).

Ele me deu um soco e eu caí e ele me, me chutava... Aí ele bateu em mim de novo, na frente dos meninos, foi a primeira vez que eu denunciei ele. (Gerbera, 2019).

### *Fase 3 - Reconciliação: depois pedia perdão e prometia que não bateria mais*

A fase de reconciliação ocorria após as brigas e agressões físicas e se caracterizava pela mudança comportamental do agressor, que se dizia arrependido e prometia que de fato aquilo não aconteceria mais. Outra característica observada nas falas é a responsabilização da mulher pelas agressões sofridas, caracterizada por uma posição de superioridade adotada pelo homem, justificando a agressão pelo não cumprimento da mulher aos seus anseios.

Ficava calado, calado por ali, que nem cachorro sem dono, desconfiado. Aí com dois, três, quatro dias, começava de novo. (Amarílis, 2019).

Fingia que nada acontecia [após as agressões], sempre depois pedindo desculpas, dizia de arrependimento, fazendo a gente se sentir culpada... (Gerbera, 2019).

Mais se transformava naquele 'Gianecchini', como diz as mulheres, todo príncipe, né? Era muito calmo, passava uns dois meses até sem beber, sem falar coisas que, né? E era por isso que de fato a gente dava mais uma chance. (Rosa Vermelha, 2019).

Aí ele chegou divertido, brincando como se nada tivesse acontecido... Eu perdoei ele várias vezes e em todas elas eu acreditava. (Estrelícia, 2019).

[Após agressão] Super bem, parecia que não tinha me agredido, querendo ser

carinhoso, me pedindo perdão, como se nada... ‘Vamos passar, amanhã você vai ver, olhe no outro final de semana você vai ver, eu não vou fazer mais nada’. E depois começava, me ameaçava. (Frésia, 2019).

Depois era carinhoso, apaixonado, a mulher mais amada do mundo era eu. (Liatris, 2019).

*Dificuldades em romper a cadeia de agressões: fica porque ama e acredita que vai mudar, depois por vergonha e por medo*

As falas evidenciam que a fase de lua de mel traz as mulheres a sensação de que o comportamento do parceiro irá mudar e por amor elas acabam perdendo. Com o tempo e a repetição dos ciclos violentos, a vitimização da mulher se exacerba e ela passa a permanecer no relacionamento por medo e vergonha. O isolamento social imposto contribui para essa realidade.

No começo ele se arrependia, dizia que não ia mais acontecer e eu acreditava, depois era mais medo mesmo... Tinha muito medo dele fazer alguma coisa com os menino... E na frente do povo [as agressões] e eu morta de vergonha. (Amarilis, 2019).

Depois da primeira agressão sempre vem outras, a gente acredita que não vai mais acontecer, mas vai. É sempre assim: ‘eu vou mudar’, muda não. Eu amava ele, você tá por amor, não quer se separar por amor, porque você prometeu ali porque casou, né? Ai eu queria conviver que era meu marido, né? Ai depois você vai pra outra etapa de que? De medo, né, você começa a ter medo de deixar, você tem medo, sabe? (Liatris, 2019).

[...] depois ele pedia desculpa, dizia arrependimento, ‘foi porque você fez isso’, enfim, a gente vai perdendo...Porque nessa época ainda existia um medo, ficava pensando ‘meu deus, como é que eu vou criar meus filhos sozinha?...’ eu acreditava que eu tinha que sustentar uma família no padrão da sociedade de família que a sociedade impõe e aí fui aguentando. (Gerbera, 2019).

Então, é, eu perdoei ele várias vezes em todas elas eu acreditava, só que em todas essas fases ele acabava minha autoestima... E aí meus amigos se afastaram também e isso vai te fragilizando, né? (Estrelícia, 2019).

Acabou me afastando, me afastando até de mim porque eu não comentava isso com ninguém então eu ia guardando aquilo ali pra mim... Isso pesa [a vergonha da sociedade], porque até depois que eu me separei eu passei um tempo ainda usando aliança pra evitar comentários e ter que falar, sabe? E não denunciei pra evitar de me expor. (Girassol, 2019).

Depois que batia aí dizia: ‘Não Frésia, pelo amor de deus eu não vou mais fazer isso contigo’, aí dava um tempo, passava um mês, 15 dias e depois voltava tudo de novo... Aí depois era ameaça, aí eu num vou mentir, eu num deixava não, porque tinha medo de morrer. (Frésia, 2019).

### *O amor venceu o medo: eu consegui por mim e por meus filhos*

As mulheres revelam que o cotidiano de abusos teve fim graças à determinação que tiveram ao pensar no quanto aquela situação era prejudicial aos seus filhos. Com exceção de uma participante que não tinha filhos com o agressor, as mulheres enfatizaram que foi fundamental preservar a saúde dos seus filhos e que em determinado ponto da relação, perceberam que isso já não era mais possível permanecendo ao lado do agressor.

Os meus filho tão crescendo, tão vendo, você fica direto que vai quebrar minha cara, que a vontade que tem é dar a mãozada na minha cara, então, os menino tão vendo, vai chegar uma hora que você vai dar a mãozada em mim, os menino vai se meter, vão tirar sua vida e aí? Eu vou ficar com minha consciência pesada porquê? Porque eu poderia ter resolvido, ter lhe deixado, né, e os meu filho preso e você de baixo do chão... não, vamos parar, e aí eu tive coragem e me separei. (Frésia, 2019).

[...] eu deixei mesmo foi por causa do meu filho, porque ele é tudo na minha vida. Se hoje já dói nele ouvir, imagina se ele crescesse vendo, então eu separei mesmo. E também não tinha mais sentimento, tinha acabado já. (Rosa Vermelha, 2019).

Eu acho que o fator mais decisivo pra conseguir separa foi eu ficar pensando se eu queria que meus filhos fossem crianças cheias de traumas... Eu ainda não me perdoei por ter sido egoísta e ter deixado eles vivenciem aquelas coisas. (Gerbera, 2019).

## Discussão

Os resultados evidenciam que o início do relacionamento foi de relativa tranquilidade, no qual os homens geralmente adotavam um comportamento de galanteios com propósito de conquistar as vítimas.

Esse comportamento é característico do homem idealizado pelo patriarcalismo, no qual se tem preponderantemente um arquétipo de masculinidade marcada pela virilidade, pensamento racional, capacidade de controlar as pessoas e o mundo, exibição de façanhas audaciosas que envolvam risco, excitação e conquistas sexuais, em que conseguir o domínio conquistando a mulher frágil e indefesa é papel do “macho” viril e galanteador (Maffesoli, 2014; Jung, 2007).

No entanto esse tipo de comportamento tende a desaparecer, pois se trata de uma pessoa, manifestada com o propósito de ganhar algo (Conti; Faria, 2019). Foi visto que com o passar do tempo, as verdadeiras características dos agressores se manifestaram e eles passaram a adotar um comportamento agressivo com suas parceiras. Esse padrão comportamental é condizente mais uma vez, conforme atestam Conti e Faria (2019), com o modelo patriarcal, no qual o homem reprime e negligência características consideradas femininas voltadas para o acolhimento e a afetividade.

Assim, conforme o relacionamento se consolidava, os traços de agressividade iam se manifestando com mais intensidade e os casais paulatinamente adentravam na fase 1 de construção de tensões do ciclo de abusos descrito por Walker (1999). Salienta-se que o início da relação foi marcado pela estruturação de abusos psicológicos, que insidiosamente progrediram e se somaram a agressões físicas e sexuais.

Leitão (2014) evidenciou resultados semelhantes ao investigar a narrativa de 28 mulheres sobreviventes de violência conjugal, em Coimbra, Portugal. Essa autora desvendou que o início das relações foram marcados pelo desenvolvimento de padrões de violência “mais sutis” e que à medida que as relações se consolidavam, os agressores se sentiam mais à vontade, passando a manifestar padrões mais abusivos, materializados por agressões físicas e sexuais.

Essa postura provavelmente tenha relação com o sentimento de posse e domínio do homem sobre a mulher, que se exacerba conforme a relação se estrutura e se consolida, pois é comum que as agressões físicas tenham início após algum tempo de relacionamento ou mesmo após o casamento (Leitão, 2014). Nesse sentido, objetivando evitar o aguçamento das violências psicológicas sofridas, as mulheres se submetiam gradativamente ao que seu companheiro estipulava para evitar os conflitos decorrentes de um embate entre ambos. Isso acabou afetando a liberdade das mesmas e o convívio social. Ameaças de morte também foram relatadas.

Esses padrões vão ao encontro do que a autora da teoria do ciclo de violência evidenciou em seu estudo ao elaborá-lo. Segundo Walker (1999), a fase inicial do ciclo se caracteriza por uma escalada gradual das tensões, em que o casal, mas, sobretudo, a mulher, procura evitar o conflito através da adoção de um comportamento submisso, acatando as condições impostas pelo agressor. Segundo a autora, são ainda característicos dessa fase insultos verbais, danos ao patrimônio do casal, restrição à liberdade da parceira através de investidas que promovam o afastamento da mulher do seu círculo socioafetivo e intensa violência psicológica.

Outros autores encontraram resultados semelhantes em seus estudos. Lucena *et al.* (2016) evidenciou em seu inquérito de base populacional com 417 mulheres vítimas de violência em João Pessoa (PB) que nessa fase a relação conjugal é permeada por insultos, humilhações, intimidação, provocações mútuas, gerando conflitos e tensão. Os autores concluíram que há uma necessidade de confirmação da depreciação e inferiorização da mulher adicionadas de ameaças de violência física.

O que se vê na prática é que o agressor não lança mão inicialmente de agressões físicas, mas coíbe a liberdade individual da vítima e fomenta humilhações e constrangimento, o que leva a uma dominação da mulher pelo mesmo (Lucena *et al.*, 2016). Essa dominação e cerceamento de sua liberdade pelas imposições feitas pelo agressor resultam em isolamento social, pois isso acaba por afastá-la do convívio familiar e social, situação que compromete a capacidade de estabelecer vínculos interpessoais, repercutindo em maiores dificuldades para romper a cadeia de abusos (Carneiro *et al.*, 2017).

A fase seguinte do ciclo se caracterizou pela ocorrência de agressão física, que ocorria muitas vezes na presença dos filhos e levou algumas delas a procurar ajuda nos serviços de saúde e delegacias.

As agressões físicas costumam fazer parte do cotidiano de mulheres vítimas de violência em seus lares. Essas agressões, contudo, não costumam ser diárias, mas desenvolvem-se após os mecanismos de controle do casal pra evitá-las se mostrarem ineficazes, levando ao evento agudo de espancamento, o qual costuma deixar sequelas de ordem física e psicológica (Walker, 1999). Outros estudos atestam que a violência física é deflagrada através de socos, pontapés, traumas em cabeça e na face, enforcamento, entre outros, deixando hematomas e cicatrizes e levando a vítima a procurar serviços de saúde, a sua maioria, hospitais (Andrade *et al.*, 2016; Barros *et al.* 2016).

A fase seguinte no ciclo de relações abusivas era de relativa calma, e se evidenciou que os parceiros demonstravam arrependimento e buscavam justificativas para seu ato como consequentes da não adoção pelas mulheres do que ele determinava, ou seja, havia uma tentativa de culpabilizar a vítima pela agressão sofrida.

Esse padrão comportamental foi descrito por Walker (1999) como esperado para o agressor nessa terceira fase do ciclo, a qual denominou de fase de reconciliação ou “lua de mel”. Segundo a autora, essa fase costuma ser permeada pelo sentimento de arrependimento por parte do agressor, em que o homem busca reconquistar a vítima, pois sente que ultrapassou os limites aceitáveis quando agride fisicamente sua companheira, e busca, assim, convencê-la de que aquilo foi algo isolado, bem como de que não voltará a acontecer.

Nessa busca de convencimento é comum ao homem procurar justificar seu ato extremo em algum comportamento adotado pela companheira, que o desagradou e justificaria sua perda de controle. Isso retrata como o agressor pode culpar a vítima pela agressão deferida por ele (Walker, 1999). A autora ressalta, contudo, que em alguns casos essa fase pode ser descrita apenas pela ausência de agressões.

A culpabilização da mulher costuma ser algo corriqueiro em relações íntimas onde há abuso, conforme atestou Acosta *et al.* (2015) ao avaliar 902 ocorrências de agressões contra mulheres, no Rio Grande do Sul. Ademais, as autoras destacam que a naturalização do poder masculino sobre o corpo e as escolhas da mulher, o qual é construído a partir de estereótipos culturais, tem servido para legitimar a prática da

violência doméstica (Acosta *et al.*, 2015).

Destaca-se que esse comportamento de domínio e controle dos homens sobre as mulheres reflete a percepção pelo agressor de que a vítima é um objeto sob sua posse, evidenciando o quanto o machismo, impregnado nos valores que estruturam um modelo de sociedade patriarcal, desvaloriza o feminino, afetando negativamente a vida das mulheres (Lamoglia; Minayo, 2009).

O estudo revela que mesmo diante da repetição do ciclo as mulheres não rompiam a relação. Isso inicialmente ocorreu porque havia nas mulheres a crença de que aqueles eventos seriam passageiros e que seus companheiros mudariam quando aquela “fase” passasse.

Conforme se evidenciava que as agressões não cessariam, mas se intensificaram, outras questões se sobressaíram, sendo as mais evidentes: a dependência financeira, sobretudo pelo temor de que algo pudesse faltar aos filhos, o medo relacionado às ameaças deferidas pelo agressor contra suas vidas e a preocupação em atender as expectativas que a sociedade impunha sobre o casamento, ou seja, de que ele durasse.

Ressalta-se que à medida que os ciclos se confirmam e as agressões se intensificam aguça-se ainda mais o isolamento da mulher e o seu medo de ser julgada, estigmatizada como uma “mulher largada”, bem como a vergonha de sua situação, o que a leva a sentir um grande mal-estar e constrangimento diante de amigos e família (Neto *et al.*, 2017).

Nesse sentido, além dessa preocupação, algumas mulheres relataram a preocupação em querer manter o casamento por questões religiosas. Tocante a isso, ressalta-se que a maioria das religiões, inclusive as cristãs, fortalece a crença de que à mulher cabe desempenhar seu papel social no espaço privado, o que garante a hegemonia masculina, através da ocupação dos espaços de poder estabelecido, conforme as narrativas e os símbolos aplicados, favorecendo o desenvolvimento e a manutenção de relações com tendências abusivas e violentas, sob a tutela de que aqueles espaços foram designados por um deus (Gebara, 2017).

Além disso, outros fatores evidenciados também podem ser observados, conforme atestam Pereira, Camargo e Aoyama (2018) ao estudarem as condições mantenedoras de relações abusivas no Paraná, acrescentando às dificuldades para rompimento dos relacionamentos, a esperança sobre a mudança de comportamento do parceiro, dependência financeira e emocional e a preocupação com a criação dos filhos.

Corroborando com tais achados, uma pesquisa nacional em 2019 evidenciou que os principais motivos que levam as mulheres a não denunciarem o agressor e permanecerem na relação abusiva são medo do agressor, dependência financeira, preocupação com a criação dos filhos, vergonha da agressão, a não crença na punição do parceiro – algo que gera mais medo – e acreditar que seria a última vez, apostando numa mudança comportamental do companheiro (Instituto DataSenado, 2019).

Ademais, David (2019) identificou como principais motivos de manutenção

de mulheres em relações abusivas, mais uma vez, a dependência econômica seguida pelo medo relacionado ao rompimento da relação, em decorrências das ameaças de morte deflagradas pelo agressor à vítima. Com isso, essa autora conclui que diante do aumento expressivo da violência doméstica, as causas de permanência da mulher no relacionamento abusivo se associam a fatores culturais, os quais estão estruturados no sistema de dominação patriarcal enraizado na sociedade (David, 2019).

Vê-se, portanto, que os motivos elencados pelas mulheres deste estudo estão em conformidade com o que a literatura aponta como condições mantenedoras de relacionamentos abusivos. Tais condições associam-se a valores construídos numa dinâmica social em que mulheres são educadas acreditando que o natural é que o homem seja o chefe de família e provedor do lar, de que o casamento deve ser para sempre e que cabe a ela manter isso, sendo, portanto, desestimuladas a empoderar-se sobre sua vida e adquirir uma independência emocional e financeira (Adichie, 2017).

Isso demonstra o poder que os aspectos culturais perpassados através de uma educação diferenciada têm sobre a estruturação e manutenção de relacionamentos abusivos, uma vez que tais valores estão implicados, conforme visto, nas condições que ajudam a manter essa dinâmica.

Todos esses fatores contribuíram para manutenção da violência doméstica na vida das mulheres participantes do estudo, mas conforme visto, em determinado momento, todas conseguiram se desvencilhar dos mesmos e romper com a cadeia de agressões. Cabe refletir o que foi determinante para o fim desse cotidiano de abusos. Assim, o que se observa é que o mais preponderante foi a preocupação com as consequências daquela situação para os filhos, bem como a constatação de que o sentimento inicial pelo parceiro havia se extinguido diante da exposição à violência cotidiana.

Em muitas ocasiões as agressões ocorrem na frente dos filhos, o que provoca nas mulheres uma dupla vitimização: aquela oriunda da agressão e a culpa em expor a prole àquela situação. De fato, as mulheres deste estudo relataram preocupação com as consequências que aquela vivência diária de abusos poderia trazer a seus filhos e culpa por mantê-los naquela condição.

Tais consequências acontecem e são de diferentes naturezas: físicas, pois muitas vezes os filhos passam a ser alvo das agressões do parceiro, que na tentativa de fragilizar a mãe se volta contra eles; e psicológicas, evidenciadas por baixa autoestima, tristeza, medo, depressão e, somando-se a isso, a vulnerabilidade das crianças para uso de drogas, diminuição do desempenho escolar e perpetração de violência (Carneiro *et al.*, 2017).

A convivência cotidiana com um cenário de violência doméstica pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de comportamento violento no futuro, conforme atestado por diversos estudos que relacionam a violência intergeracional vivenciada na infância como importante fator de risco para o desenvolvimento de comportamento violento na fase adulta (Madalena; Falke, 2020; Boas; Dessen, 2019; Faias; Caridade; Cardoso, 2016).

Quanto ao sentimento de culpa, esse também foi evidenciado em estudo nacional que buscou elucidar as implicações da vitimização feminina em relações amorosas. Os autores observaram que um dos resultados que se sobressaiu foi à culpa que as mulheres carregavam por exporem seus filhos a situações cotidianas de violência, concluindo que o adoecimento mental das mulheres se intensificavam diante desse sentimento de culpa (Dourado; Noronha, 2014).

Portanto, percebe-se que a ruptura da relação violenta se deu a partir do movimento reflexivo desenvolvido pelas participantes quando passaram a questionar as motivações de se manter numa relação já constatada como abusiva, mas sobretudo, quando essa reflexão se estendeu às repercussões desse cotidiano sobre a vida da prole, mostrando-se ser esse o fator impulsionador da decisão de romper a cadeia de agressões a que foi exposta.

## Considerações finais

O estudo aponta que a inserção em contextos de violência doméstica se deu sob circunstâncias específicas de imaturidade, pois a maioria das participantes adentrava em seu primeiro relacionamento, no qual o parceiro inicialmente se mostrou romântico e gentil. Desvendou-se que o cotidiano violento se instalou de forma insidiosa, através de violência psicológica, que paulatinamente evoluiu para agressões físicas e sexuais. Esse cotidiano violento se desdobrava em fases que constituíam um ciclo de violência doméstica, o qual à medida que se desenvolvia, aumentava a vitimização da mulher, dificultando a ruptura do mesmo.

Entre os fatores observados para a permanência das mulheres nesse contexto estava a crença numa mudança comportamental do parceiro, a dependência financeira, a preocupação com a educação e sustentação dos filhos, a vergonha e o medo diante de ameaças proferidas pelo agressor. Apesar dessas dificuldades, todas romperam com a violência posta e fizeram isso através de um movimento reflexivo, que as levou à percepção de que estavam inseridas numa relação abusiva, bem como de que aquele cotidiano tóxico não favorecia o desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Tais resultados apontam como a violência se instala e se consolida no cotidiano das mulheres vitimadas, bem como elucidam fatores que dificultam e favorecem a saída do mesmo e com isso aponta caminhos ao enfrentamento desse agravo de saúde pública. Entender as nuances de uma relação abusiva proporciona melhores condições para os profissionais da rede de enfrentamento de atuar frente à questão, sendo essa a principal contribuição do estudo para a problemática. Ademais, entender tais mecanismos pode proporcionar uma ruptura de paradigmas, desfazendo preconceitos sociais enraizados no imaginário das pessoas, tais como os que afirmam que a mulher não sai de uma relação abusiva porque não deseja.

Ademais, descortinar a história de mulheres que superaram vivências abusivas em relações conjugais deve contribuir para o fim da invisibilidade das mesmas, bem como para desvelar à população as condições a que essas mulheres se encontram expostas em seus próprios lares.

Quanto às limitações do estudo, deve-se considerar que o mesmo, através da história oral dessas mulheres, trouxe à tona períodos de suas vidas de intenso sofrimento e que estas mulheres podem ter deixado de elucidar alguns aspectos que foram esquecidos pelas mesmas como mecanismo de defesa e superação dos traumas vividos, algo que se tentou superar através de um maior aprofundamento nas entrevistas com voltas recorrentes a algum tema, cujos esclarecimentos não tinham sido suficientes.

## Referências

ACOSTA, Daniele Ferreira *et al.* Violência contra uma mulher por parceiro íntimo: (in) visibilidade do problema. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 121-127, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Cv7FCDggKS3vRJ4yQG8HrBM/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRADE, Júlia de Oliveira *et al.* Indicadores da violência contra a mulher provenientes das notificações dos serviços de saúde de Minas Gerais-Brasil. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 25, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/8h6NwPh9FfwrPkQLWgYvVh/s/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

BARROS, Érika Neves de *et al.* Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 591-598, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gzqMTsndckQfDJTpJpgRtHc/?lang=pt#>. Acesso em: 9 dez. 2023.

BRASIL. *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais*. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/529424>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. *Pacto nacional de enfrentamento de violência contra a mulher*. Brasília: SPM, 2011. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/pacto-nacional>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BRUHN, Marília Meneghetti; LARA, Lutiane. Rota crítica: a trajetória de uma mulher para romper o ciclo da violência doméstica. *Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 70-86. 2016. Disponível em: <https://seer.ufgrs.br/index.php/PolisePsique/article/view/63711>. Acesso em: 9 dez. 2023.

CARNEIRO, Jordana Brock *et al.* Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas(os). *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/bwj4BTRVjMp8CdBRLRWwfzM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* *Atlas da violência 2018*. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2018. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8398/1/Atlas%20da%20viol%e3%aancia\\_2018.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8398/1/Atlas%20da%20viol%e3%aancia_2018.pdf). Acesso em: 9 dez. 2023.

CONTI, Patrícia Cristina; FARIA, Durval Luiz de. Que homem é esse? Uma análise junguiana sobre os homens, a afetividade e a conjugalidade em transformação. In: MEDRADO, Benedito *et al.* (Org.). *Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades*. v. 1 Recife: UFPE; IFF/Fiocruz, 2019. p. 54-64.

DAVID, Lucivânia Aurora. *A situação de mulheres vítimas de violência doméstica recorrente: análise dos motivos de permanência no relacionamento abusivo*. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – UFP, Porto, PT, 2019.

DOURADO, Suzana de Magalhães; NORONHA, Ceci Vilar. A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 623-643, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312014000200623&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000200623&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jan. 2019.

DRESCH, Gabriela. *Violência perpetrada contra a mulher pelo seu parceiro íntimo: uma análise sobre os estudos empíricos na realidade brasileira*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Psicologia Clínica) – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011.

ECHEVERRIA, Jasmin Gladys Melcher; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de; ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. Violência doméstica e trabalho: percepções de mulheres assistidas em um Centro de Atendimento à Mulher. *Saúde em Debate*. v. 41, n. esp., p. 13-24, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/yJHt6MbVrSfySDDLZnJW35w/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 9 dez. 2023.

FAIAS, Jonas; CARIDADE, Sônia; CARDOSO, Jorge. Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação?. *Psychologica*, Coimbra, v. 59, n. 1, p. 7-23, jan. 2016. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/3906>. Acesso em: 9 dez. 2019.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

INSTITUTO DATASENADO. Observatório da Mulher Contra a Violência. Secretaria de Transparência *Violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: DataSenado, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-contra-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1>. Acesso em: 9 dez. 2023.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil*. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925\\_sum\\_estudo\\_femicidio\\_leilagarcia.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

JUNG, Carl Gustav [1931]. *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes, 2007. (Obras Completas, 10/3).

LAMOGLIA, Cláudia Valéria Abdala; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência conjugal,

um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 595-604, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/al/gp49Km59XNV5XCVzYygm6S/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 9 dez. 2023.

LEITÃO, Maria Neto da Cruz. Mulheres sobreviventes de violência exercida por parceiros íntimos – a difícil transição para a autonomia. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 48, n. esp., p. 7-15. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/al/t6LKzzTxS5fWWSG4YFChxB/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2023.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de *et al.* Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822016000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 dez. 2023.

MAFFESOLI, Michel. Iniciação, arquétipos e pós-modernidade. In: BOECHAT, Walter (Org.). *A alma brasileira: luzes e sombra*. São Paulo: Vozes, 2014. p. 19-41.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Violence as a research object and intervention in the health field: an analysis from the production of the Research Group on Gender, Health and Nursing. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 48, n. esp., p. 31-38. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v48nspe2/0080-6234-reusp-48-nspe2-00031.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2023.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO; Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/1026>. Acesso em: 9 dez. 2023.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado e violência*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2015.

VILLAS BOAS, Ana Carolina; DESSEN, Maria Auxiliadora. Transmissão intergeracional da violência física contra a criança: um relato de mães. *Psicologia em Estudo*, v. 24, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/42647>. Acesso em: 9 dez. 2023.

WALKER, Leonora. *The Battered Woman Syndrome*. New York: Harper and Row, 1999.

## Fontes orais

AMARÍLIS [65 anos]. [abr. 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.

ESTRELÍCIA [34 anos]. [maio 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.

FRÉSIA [48, anos]. [maio 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.  
GERBERA, [37 anos]. [maio 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.  
GIRASSOL [34 anos]. [abr. 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.  
LIÁTRIS [41 anos]. [maio 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.  
ROSA VERMELHA [34 anos]. [abr. 2019]. Entrevistadora: Regiane Clarice Macedo Callou.

Recebido em 05/10/2022

Versão final reapresentada em 07/07/2023

Aprovado em 18/09/2023

**Contribuições dos autores:** Callou Cruz: correções e orientação no desenvolvimento da pesquisa; Pereira Calou: correções e orientação no desenvolvimento da pesquisa; Albuquerque: orientação e acompanhamento de toda a pesquisa, desde a concepção do projeto até o desenvolvimento final.

**Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE):**

06438118.5.0000.5055. Número do Parecer: 3.200.671

**Fonte de financiamento:** nada a declarar

**Conflito de interesses:** nada a declarar